

Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM



Aldacir
Oliboni



Atena
Roveda



Cláudia
Araújo



Gilvani
o
Gringo



Hamilton
Sossmeier



Psicóloga
Tanise
Sabino

028ª COSMAM 08JUL2025

Pauta: Fé, Cuidado e Saúde: o papel das igrejas evangélicas na promoção da saúde física, emocional e social em Porto Alegre.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): (10h13min) Bom dia. Bom dia a todos. Vamos dar início, então, à nossa reunião da Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM. Hoje é a nossa 28ª reunião desta comissão, nossa penúltima aqui do semestre. Temos mais semana que vem, depois é o nosso recesso.

Então, quero dar as boas-vindas a todos, dizer que já está conosco aqui o nosso Ver. Hamilton Sossmeier, que, inclusive, é o proponente desta reunião, e o Ver. Aldacir Oliboni. Os outros colegas estão chegando, estão a caminho, mas, por uma questão de horário, vamos já dar início. Quero também saudar o nosso secretário municipal da Saúde, Fernando Ritter, que já está conosco. É presença sempre cativa aqui, sempre conosco na nossa reunião, é sempre bem-vindo. Então, a pauta de hoje, o nosso tema é Fé, Cuidado e Saúde, o papel das igrejas evangélicas na promoção da saúde física, emocional e social de Porto Alegre. Eu já quero, de imediato, convidar para compor a Mesa aqui conosco a nossa convidada, a Sra. Ana Paula Togni, fundadora da Hope Brasil e Rede Brilhe, seja bem-vinda; a Sra. Chaiana Costa Cunha, representante do Projeto Doutores da Graça, da igreja Brasa Church; o bispo Lúcio Freitas, coordenador do Grupo de

Saúde da Igreja Universal do Rio Grande do Sul; e o nosso secretário Fernando Ritter.

Hoje a pauta é proposta pelo Ver. Hamilton Sossmeier, com esse tema Fé, Cuidado e Saúde, o papel das igrejas evangélicas na promoção da saúde física, emocional e social em Porto Alegre.

Quero compartilhar com vocês que também sou cristã, sou evangélica. Minha igreja evangélica é a igreja Assembleia de Deus. Desde criança, faço parte dessa igreja e entendo a importância da fé na vida das pessoas. Inclusive, compartilhar rapidamente a minha história, os meus pais não eram da igreja. E o que aconteceu? Nós tínhamos uma moça, uma senhora, que cuidava da casa, fazia limpeza, cuidava de mim. E eu, com dois, três anos, fui para a igreja com essa senhora, porque ela era da minha igreja, da Assembleia de Deus. E ela me levava para os cultos da Escola Bíblica Dominical. Comecei toda a minha infância a participar da igreja evangélica. Depois, lá na minha adolescência, consegui trazer meu pai, depois trouxe minha mãe, depois minhas irmãs. E hoje toda a minha casa serve ao senhor. Mas começou essa história através de uma senhora, uma mulher simples, falando da palavra de Deus para uma criança de dois, três anos, e que trouxe toda uma família para a igreja. Então, sem sombra de dúvida, a igreja, a questão da espiritualidade, é muito importante no desenvolvimento das pessoas.

E a pauta de hoje, a questão social, como está bem descrita aqui, o papel que as igrejas tiveram na época da covid, na época das enchentes do ano passado, foram fundamentais, sendo abrigo. Então, não é somente a questão da espiritualidade, mas toda uma questão social, toda uma questão de apoio emocional. Eu digo que, muitas vezes, os pastores e as pastoras são quase que psicólogos também.

Então, quero já parabenizar todo o trabalho que as igrejas fazem e compartilhar com vocês também a questão da saúde, esse *link* muito interessante, a saúde e espiritualidade. Várias pesquisas já apontam a importância da espiritualidade na questão do tratamento. Então, tem pesquisas que mostram que, quando uma pessoa tem uma condição de saúde, alguma situação de saúde, algum

problema, e tem fé, vamos imaginar um grupo, tem uma situação de saúde, um transtorno, uma doença, enfim, e tem fé, e um outro grupo tem aquela mesma situação de saúde, mas não tem fé, aquele grupo que tem aquela situação de saúde e tem fé se recupera mais rápido, fica curado mais rápido, sai de alta mais rápido, e a diferença entre esses dois grupos é a fé. Então, isso é muito interessante. Isso sabemos, porque o nome de Jesus está acima de todos os nomes.

Eu quero dar as boas-vindas a todos e te parabenizar, meu colega Ver. Hamilton, pela pauta e pela coragem de trazer esse tema aqui também no Parlamento. O Ver. Hamilton, que é um colega, tem trabalhado muito nessas pautas de direita conservadora, e quero já te parabenizar pelo seu trabalho, vereador.

Passar a palavra para você, como proponente, depois passar para o Ver. Oliboni, se quiser fazer uma saudação inicial, e aí já abrimos o nosso debate. Sejam bem-vindos.

VEREADOR HAMILTON SOSSMEIER (PODE): Muito obrigado, vereadora, a presidente da nossa comissão, Tanise Sabino. Cumprimento também o Ver. Aldacir Oliboni. O Ver. Aldacir Oliboni, para quem não sabe, ele é o que faz o papel do Cristo. Quarenta e quantos anos? Quarenta e três anos. É um dos vereadores mais queridos desta Casa.

E essa pauta é importante, porque a gente vê, principalmente no período da pandemia, como o poder público desconhece o trabalho das instituições evangélicas e religiosas. E a pauta de hoje, normalmente as pautas que nós temos aqui, secretário Ritter... E aqui eu quero cumprimentar o nosso secretário Fernando Ritter. Já quero cumprimentar o bispo Lúcio Freitas, também a Paula Togni e a Chaiana Costa Cunha. As pautas que nós temos aqui são pautas que normalmente precisam de soluções, precisam de ajuda, precisam, muitas vezes, do envolvimento de políticas públicas, do poder público, e essa pauta é o contrário. É uma pauta que nós colocamos à disposição, nós somos a solução, nós não viemos buscar a solução na COSMAM, é a solução na vida das pessoas, e, muitas vezes, aliás, a maioria das vezes, é de forma voluntária. É uma pauta

extremamente importante, e eu sou o autor da lei em Porto Alegre que torna os templos religiosos de qualquer natureza como atividade essencial. Tive a companhia de muitos colegas vereadores, a Ver.^a Tanise, que é uma parceira conosco dessas pautas, e essa lei a gente mandou para vários municípios. Quer dizer que, hoje, uma entidade religiosa – aí entra igreja católica, entra centro espírita, entram as entidades e religiões de matriz africana –, num período de pandemia, não pode mais fechar. Elas podem ser restritivas, mas não podem mais fechar em função dessa lei. A gente mandou para muitos municípios do Brasil essa lei. Com o coração cheio de alegria, um texto rápido que a gente tem aqui, quero dar as boas-vindas a cada um que aceitou o convite de estar aqui na nossa Comissão Especial de Saúde e Meio Ambiente. Hoje tratamos do tema que une o cuidado com o corpo, com a mente e com a alma, fé, cuidado e saúde, que é o papel das igrejas evangélicas na promoção da saúde física, emocional, social aqui em Porto Alegre. Como o vereador e também como pastor, vejo de perto quantas igrejas evangélicas têm sido instrumentos de apoio, acolhimento e transformação na vida de milhares de pessoas. São ações que vão muito além das paredes do templo, são visitas, orações, aconselhamento, cuidado com as famílias, recuperação de dependentes, projetos sociais e tantas outras formas de amar na prática. Em momentos de dor, solidão, ansiedade ou doença, muitos encontram na fé e no abraço da igreja um recomeço com esperança renovada. Por isso, esta reunião, como propósito, e tem esse propósito, dá essa visibilidade e voz a esse trabalho extremamente valioso, que contribui diretamente para a saúde integral das pessoas. Agradeço mais uma vez por terem aceitado o convite o bispo Freitas, da Igreja Universal; a Paula Togni, da Hope Brasil; a Chaiana, da igreja Brasa Church, que, aliás, foi uma das primeiras que abriu o abrigo, quando o prefeito, no dia 3 de maio de 2024, ligou para mim, 10 horas da noite, dizendo assim: “Olha, a gente não sabe qual a dimensão dessa enchente”. Eu sei que muitas igrejas abriram achando que ia ser uma semana. Foi o período que todo mundo viu, e as pessoas foram cansando, mas não desistiram do trabalho. Então, que esse encontro seja um espaço de escuta, troca e valorização dessa parceria entre fé, comunidade e cuidado e, por que não dizer,

poder público, já que está aqui o nosso secretário, porque cuidar das pessoas é um dever de todos nós. Muito obrigado pela presença de cada um, que Deus abençoe este momento, esta semana. Quero encerrar o meu pronunciamento inicial dizendo que ação social a igreja não faz quando precisa, ela faz a vida toda, ela fez sempre. Não é quando tem uma tragédia climática, não é quando tem uma necessidade, não, ela vive isso no dia a dia. Quando eu falo em povo inclusivo, não existe nenhum povo mais inclusivo do que a igreja, porque a igreja não discrimina ninguém, a igreja recebe todos. Seja a pessoa de qualquer credo religioso, classe social, estilo, forma de pessoa, quando ela entrar numa igreja, ela vai sempre ser bem recebida e acolhida, diferente do que se propaga muitas vezes. Eu mesmo atendo pessoas de todas as camadas sociais e credos religiosos. Este ano faz 41 anos que eu sou pastor, e a gente atende, e atende sempre. Muitas vezes, há uma falsa impressão de que a igreja não acolhe, mas a igreja acolhe todo mundo, porque a igreja tem o princípio de Jesus: “Aquele que vier a Mim, de maneira alguma, Eu o lançarei fora”. Igreja não lança a mão de ninguém, recebe todos e cuida de todos. A nossa pauta de hoje é para trazer esse tema do que a igreja faz, e colocar, logicamente, aquilo que nós já vimos fazendo. Muito obrigado a todos, sejam muito bem-vindos.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Muito obrigada, vereador. Vou passar a palavra para o Ver. Aldacir Oliboni.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Bom dia a todos e todas. Saudando a nossa presidente Ver.^a Tanise, saúde o Hamilton, o secretário, enfim, todos os nossos convidados desta manhã. Parabenizo o proponente, colega Ver. Hamilton, que tem certa sensibilidade também de poder compartilhar aqui essa posição do que é ter fé ou respeitar a religiosidade de cada um. Nós, na política, quando defendemos a democracia, é uma forma também de respeitar as livres opções de credo. Portanto, a Câmara acolhe, por iniciativa de decisão do povo porto-alegrense, essas diversas opções que temos aqui. Mas eu acredito que essa questão tem que ser muito mais, como está fazendo o Ver. Hamilton: dar

visibilidade, porque ter fé é ter uma certa segurança do que tu fazes, porque tu vais acreditando, tu vais idealizando, tu vais promovendo, tu vais tendo resultados. Porque a pessoa que, às vezes, perde a esperança ou a fé, ela fica muito mais recolhida, ela não tem, eu diria assim, uma certa segurança do que ela vai optar ou vai fazer o amanhã. E nós hoje temos que ter objetivos, nós temos que saber o que nós queremos, temos que planejar a nossa vida. E à medida que nós não temos planejamento dela, nós podemos entrar até num processo depressivo. Nós temos que ter, claro, a vontade de ter o seu trabalho, mas, ao mesmo tempo, perceber que, nesse trabalho, nós conseguimos comungar com as diversas opções de pensamento e tal. Não é por acaso que, na política também, a gente percebe que o papel da igreja, ou do pastor, ou, no nosso caso, da igreja católica, ela tem um papel preponderante na solução dos problemas sociais, porque ela é um braço do poder público, queira ou não, grande parte dos serviços sociais que hoje temos na cidade, no Estado, no País, vem de segmentos que são parceiros, que são da área de entidades religiosas, filantrópicas, tem um trabalho social extraordinário. Claro que, em alguns casos, tem que ter a contrapartida do recurso do poder público.

Então, creio que essa é uma questão pessoal. Eu, às vezes, fico um pouco impressionado – Ver. Hamilton, colegas e Ver.^a Cláudia, que está chegando – como uma pessoa pode se identificar como ateu. E quando acontece algo muito duro, difícil na vida dessa família do cara que é ateu, ele tem uma posição diferente, que me parece que ele está acreditando em algo superior a ele, então ele não é ateu, porque, se ele acredita em Deus ou em um ser superior, por si só, ele não é ateu. Então, a questão da fé é muito complexa, como a questão espírita e assim por diante. Mas quero ouvir aqui para aprender mais. Parabéns. Sejam bem-vindos.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Muito obrigada. Então, neste momento, vamos iniciar o nosso debate e passar a palavra, então, para a Chaiana Costa Cunha, representante do projeto Doutores da Graça da Igreja

Brasa Church. Bem-vinda. Só peço que fale o seu nome, repita o seu nome, instituição, para as notas taquigráficas da Câmara, depois para a ata.

SRA. CHAIANA T. COSTA CUNHA: Bom dia, então, a todos. Meu nome é Chaiana, tenho 35 anos, sou membro da Igreja Brasa Church há quase 10 anos. Minha história de conversão começou assim: eu me converti, Jesus mudou a minha vida, transformou a minha história e, desde então, eu me envolvi sempre nessa área social, porque reconhecendo o poder de transformação de Jesus nas nossas vidas. Então, junto com o meu esposo, hoje nós coordenamos o Ministério Social da Igreja, nós atuamos em seis projetos, hoje a igreja atua em seis projetos, em grupos diferentes. Não sei se vai passar a minha apresentação para mostrar direitinho?

(Procede-se à apresentação.)

SRA. CHAIANA T. COSTA CUNHA: Os projetos, então, hoje que a igreja atua, nós temos esse suporte evangelístico, espiritual, emocional, socioeducativo, esporte, enfim, a gente atua em diversas áreas. Vou começar pelos projetos próprios da igreja, que nós temos os projetos próprios e os projetos parceiros. E o projeto BCRuas é um projeto com o público-alvo moradores de rua, então, pessoas que estão em situação de vulnerabilidade, moradores de rua. Nós nos reunimos. Hoje, em todo o grupo, em todo o Ministério da BC Social, nós temos em torno de 300 voluntários, então, pessoas que vão de graça mesmo, dispostas a servir, amar e abençoar a vida dessas pessoas. No BCRuas, então, são voluntários que estão envolvidos na causa com pessoas em situação de vulnerabilidade, moradores de rua. Nós nos reunimos sábado à noite, a gente prepara um alimento. Nós arrecadamos, durante os cultos, doações de roupa, de alimento, e a gente sai à distribuição, isso nas ruas, para as pessoas que precisam de cobertor, agasalho, enfim. Mas a gente também convida essas pessoas, aqueles que precisam e que querem uma forma de recuperação, aqueles que estão em situação de vício, então, a gente tem parceria com

algumas instituições para aqueles que necessitam sair da situação de rua, de sair da situação de drogas, enfim. Então, a gente tem esse trabalho de evangelístico, de orar, de conversar com eles, de mostrar uma nova oportunidade.

E também temos o BCFire, é um projeto novo, nós iniciamos este ano. O BCFire é um projeto evangelístico, a gente não tem um público-alvo, a gente entende uma necessidade que a nossa cidade precisa, ou que a Região Metropolitana precisa, e a gente vai e atua de uma forma específica. Agora, no último sábado, nós fizemos um trabalho em Eldorado do Sul, com as pessoas que foram atingidas pelas enchentes, nós levamos doações de roupa, de alimento, cestas básicas, a gente levou lá uma sopa também para a galera que estava em uma comunidade bem necessitada. Nós fizemos também, agora, recentemente, um trabalho na Vila dos Papeleiros, junto com o líder comunitário, a gente foi lá, conheceu a realidade, oramos pelas pessoas nas casas, levamos doações de cestas básicas, roupas, alimentos. Então, a gente entende uma necessidade específica, sim, e a gente vai e atua em diversos locais da nossa cidade.

Nós temos também um trabalho evangelístico com jovens infratores da FASE, então, hoje, somente na ala masculina, os voluntários também vão, prestam um culto e dão assistência também para esses jovens. A gente conseguiu uma parceria lá e, hoje, a gente tem visto as vidas de alguns jovens serem transformadas.

A gente tem agora, falando dos projetos parceiros também, a Orfana Querida é um projeto parceiro nosso, de uma membra da igreja, ela tinha um trabalho lá com questão do esporte, mas ela entendeu também a necessidade do evangelismo, de levar o amor de Jesus para essa comunidade, então, a gente tinha lá somente adolescentes. E, hoje, atendemos mais de 50 crianças, entre crianças, jovens e adolescentes. Estamos trabalhando também nas famílias, temos um trabalho com as famílias dessa comunidade. Atuamos aos sábados pela manhã. Temos um tempo de café da manhã, de comunhão, de estudo da palavra, mas também trabalhamos com o jiu-jitsu e o futebol como ferramentas de transformação e mudança de vida. Temos voluntários que se disponibilizam

e trazem o esporte como uma ferramenta de mudança e transformação de vida para as crianças da comunidade. Temos também um trabalho parceiro, uma casa para mulheres que foram vítimas de violência doméstica. É uma ONG, uma instituição independente, mas temos essa parceria do evangelismo. Essas mulheres, através de uma medida protetiva, chegam até essa casa, elas e seus filhos, e damos esse suporte emocional e espiritual. Também oferecemos oficinas. Temos muitas voluntárias que já passaram por essa situação, então elas têm autoridade, e muitas contam o seu testemunho, a forma como elas saíram dessa situação, então elas oferecem oficinas como uma oportunidade de elas saírem de lá com uma fonte de renda, com uma fonte de trabalho. A gente ajuda também nessa área, oferecendo oficinas. É bem bacana, porque temos um cuidado tanto com as mulheres quanto com as crianças, porque muitas das crianças já passaram por alguma situação de abuso, foram vítimas de alguma situação, então, temos esse trabalho de cuidar das mulheres e das crianças de uma forma separada.

Hoje, especificamente falando também dos Doutores da Graça, são os palhaços humanitários que vão aos hospitais de Porto Alegre. Nós trabalhamos em três hospitais, com o intuito de levar a palhaçaria como uma forma de fé e de esperança para as pessoas que estão ali, não só os internos, as pessoas que estão internadas, mas também para os acompanhantes, que, muitas vezes, precisam desse contato de fé e esperança. Falando um pouco da história dos Doutores da Graça, é um projeto que iniciou em Canoas com o pastor da Igreja Mover, alguns anos atrás. Foi fundada a Doutores em Rede, só que era uma ONG à parte, onde não podia expressar a fé, não se podia falar de Jesus. E esse pastor entendeu a importância do evangelismo, de não ter apenas a ação da palhaçaria, mas também trazer isso na forma de evangelismo, falando de Jesus, falando dessa oportunidade de graça e de recomeço. Essa é a missão dos Doutores da Graça. Nós vamos aos hospitais, vamos de uma forma leve, divertida, descontraída, levando graça, humor para aqueles que estão realmente precisando, mas falando também de uma forma leve e sutil, o amor de Jesus para aqueles que precisam.

Hoje, nós atuamos em três hospitais, no Presidente Vargas, na ala infantil, no segundo sábado do mês... Nós atuamos em três sábados, então em cada sábado é um hospital diferente. No Presidente Vargas é no segundo sábado do mês, no horário das 16h às 18h. No Hospital Ernesto Dornelles, é um hospital recente, nós conseguimos essa oportunidade neste ano, então, tem sido bem bacana, que é no terceiro sábado do mês também, de manhã, das 10h às 12h. E no Hospital Mãe de Deus, também na ala adulta, no último sábado do mês, das 10h às 12h. No Hospital Ernesto Dornelles e no Hospital Mãe de Deus, todos na ala adulta.

E também, se possível, gostaria de passar um testemunho dos nossos voluntários. Porque a gente crê que a gente é muito abençoado quando leva o amor de Jesus. A gente não transforma somente a vida das pessoas que recebem um pouquinho do nosso amor, ou das nossas doações, ou da nossa ajuda; mas nós, como voluntários, também somos transformados. Também temos essa transformação nas nossas vidas. Então, gostaria de compartilhar um testemunho de dois voluntários, se possível.

(Procede à apresentação de vídeo.)

(Transcrição extraída do vídeo.)

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: *Servir nos Doutores da Graça, para mim, representa muito. Principalmente poder ver o quanto Deus age através da nossa vida. O quanto Ele é capaz de nos usar como ferramenta para impactar a vida de outras pessoas. E também representa uma cura, para mim, muito grande. Devido ao fato de eu vir de um processo de um longo tempo contra a depressão, e nesse processo eu acabei evitando o convívio social, me afastando de pessoas, a depressão traz tristeza e solidão. No dia do treinamento presencial, que seria a formatura, eu disse para minha esposa que eu não ia, ela estava fazendo o curso junto comigo. Ela tentou me arrastar de todas as formas. Eu disse que não, que aquele não era o meu lugar. Daí veio a culpa e o*

arrependimento de não ter ouvido o chamado. Mas foi nesse momento de dor que eu tive o meu real encontro com Jesus. Através de uma música, Ele me levou a carta de Paulo a Timóteo. E eu entendi o real significado do servir. O significado de viver o Evangelho. E ali Ele me mostrou que Ele iria me capacitar, naquilo que Ele destinasse que fosse o caminho para mim. E alguns dias depois disso, vindo do serviço para casa, eu vinha orando e entregando muito a Deus, dizendo que eu tinha entendido o propósito, aonde Ele me apontasse que eu tivesse que ir, eu iria sem pensar duas vezes, que eu estava pronto para ouvir o chamado. No que eu cheguei em casa, minha esposa disse que o Poletto tinha colocado no grupo que se alguém, por algum motivo, não tivesse conseguido fazer o treinamento presencial, que era para entrar em contato com ele, e hoje estamos quase completando um ano de projeto. E é lindo poder levar o amor de Jesus a essas pessoas. A gente sabe que o ambiente hospitalar é um ambiente pesado, e, hoje, poder estar ali, tocando, levando a música, levando a alegria, uma palavra de esperança, levar a palavra de Jesus até essas pessoas é inimaginável. Realmente hoje eu vejo que pela força do meu braço eu não seria capaz, mas quando a gente tem Deus do nosso lado, a gente é capaz de tudo, desde que a gente esteja de acordo com os planos dEle. E hoje a gente poder ver que um momento, um segundo de esperança, um momento de alegria que a gente consiga levar para eles, é incrível. É incrível como a gente consegue, muitas vezes, mudar a atmosfera de um quarto que estava pesado, de mudar a realidade daquele dia do paciente. Eu não tenho palavras, é uma bênção muito grande, eu só tenho a agradecer por poder fazer parte desse projeto, por poder viver isso e levar adiante a palavra de Jesus.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: *Bom dia, família, tudo bem? Doutor Espelho aqui, eu vim contar um testemunho pra vocês bem recente no hospital de Taquara. Nós fomos fazer a primeira visita dos Doutores da Graça de São Chico, no hospital de Taquara, e, desde a chegada, desde o momento da nossa entrada no hospital, já foi (Ininteligível.), com muitos testemunhos, com pessoas chorando, com senhoras levantando do leito pra dançar com a gente, mas eu*

tenho um testemunho em específico: a visita já estava acabando, no horário combinado com o hospital, a gente já estava saindo no pátio, cantando uma última música, e a enfermeira-chefe veio até nós e perguntou: “Vocês poderiam ir na ala da saúde mental?” E a gente, com todo aquele cuidado, por ser a primeira visita, mencionou sobre o tempo combinado, mais aí ela disse: Não, eu que coordeno aqui, então, se vocês puderem, vai ser incrível.” Aí nós fomos, entramos numa ala mais isolada do hospital, na saúde mental, lá nós começamos com as nossas brincadeiras, com a nossa parte toda de palhaçada, de evangelização também, e, desde a nossa entrada, mas durante todo aquele momento, um dos rapazes começou a mudar a expressão dele, começou a ficar muito emotivo, começou a chorar, e aí ele chamou um dos nossos doutores – eu acabei indo para o lado, né, porque foi perceptível, assim, o choro dele – e o testemunho dele foi o seguinte: “Bom, eu sou evangélico há oito anos, eu me desviei, caí no mundo das drogas, cometi alguns crimes, e hoje eu estou aqui.” Aí ele começou a chorar e continuou seu testemunho dizendo que há muito tempo ele não falava com Deus, mas que, na noite passada, ele conversou com Deus e disse assim: “Deus, se o senhor ainda acredita em mim, se o senhor ainda quer que eu permaneça aqui, o senhor me manda um sinal, porque, senão, amanhã, eu vou pensar em como eu vou tirar minha vida aqui dentro.” E eis que nós chegamos lá. Então, esse é o testemunho, e que Deus abençoe muito cada ministério do nosso BC social. Um excelente dia abençoado para vocês. (Palmas.)

SRA. CHAIANA T. COSTA CUNHA: É isso, esse é o trabalho que a gente faz, com muita alegria, muitos testemunhos na vida de muitas pessoas, mas também nas nossas vidas.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Muito obrigada. Não tem como não ficar emocionada com um relato desse, de como Deus usa as pessoas. Então, a nossa próxima convidada é a pastora Paula Togni, fundadora da Hope Brasil e Rede Brilhe.

SRA. ANA PAULA SOARES DA COSTA TOGNI: Paula Togni, fundadora da Associação Rede Brilhe e do Programa Hope Brasil. É uma honra estar aqui, e eu quero agradecer a vocês pela oportunidade. A gente que trabalha com as comunidades, é sempre bom poder falar, e mais ainda ter alguém para ouvir. Obrigada, Ver. Hamilton, por lembrar da gente. Eu trouxe uma apresentação também. Pode passar já.

(Procede-se à apresentação.)

SRA. ANA PAULA SOARES DA COSTA TOGNI: A Associação Rede Brilhe, em 2021, com vários casos de feminicídio, eu e umas amigas resolvemos montar uma ONG, porque a gente se incomodou com os problemas que quem vai resolver somos nós mesmos. A gente trabalha, ninguém ganha nada com isso, mas é isso que a gente veio fazer nessa terra, e o resto a gente faz quando dá. Mas aí a gente montou uma casa de acolhimento para receber mães solteiras que não tinham lugar para ir, um lugar seguro, cristão. Nós começamos a receber, em 2021, as primeiras famílias e, em 2022, nós entendemos que uma casa de acolhimento sem qualificação profissional não dava, pelo menos dentro do nosso entendimento, porque a gente não quer que elas fiquem acolhidas, a gente quer que elas consigam autonomia e comecem a refazer as suas histórias. Então, em 2022, a gente começou, dentro da casa, os cursos profissionalizantes. Ali, é a formatura do ano passado, aquela foto está cortada, mas tem mais gente ali. Nós começamos com o curso de cabeleireiro profissional, então, nós temos um salão/escola lindo, estiloso, que atende quem aparecer por lá, nós temos o curso de costura criativa – esses cursos são os fixos -, e a gente tem outros cursos de maquiagem e tudo mais. Esses cursos são totalmente gratuitos, são cursos de oito meses de duração, é curso de qualificação profissional, então, nós temos tudo o que elas precisam: elas vão para o mercado de trabalho, a gente leva pessoas lá, e elas fazem estágio. Mas acho que tudo isso não é nada perto do nosso maior diferencial, qual seja, que elas levam as crianças. Porque não

tem como elas fazerem algo, se não tiver espaço para as crianças, porque não tem creche suficiente. Acho que todo mundo aqui sabe disso. E, aí, com isso, a gente descobriu que o problema da creche é só a primeira parte, porque 80% das nossas mães têm filhos atípicos, e, ainda que o filho esteja na escola de manhã, não tem quem fique de tarde, não tem quem fique de manhã, se ele estuda de tarde. A gente recebeu uma mãe com uma criança com paralisia cerebral, cadeirante. Ela é da Kinder. Ela contou na Kinder que tinha descoberto um curso que era gratuito, que tinha lanche, que tinha tudo e que dava para levar as crianças com paralisia cerebral. E daí ela trouxe dez amigas, mães de filhos de paralisia cerebral. Então, de repente, a gente tem um núcleo de paralisia cerebral, espectro autista. E sabe o quê? Daí vocês vão me dizer assim: “Bah, vocês são muito preparadas”. Não, não é? A gente é muito guerreira. A gente vai e corre atrás, a gente corre atrás. Mas rejeitá-las de novo não dava. Se a gente tem espaço? A gente tem um bom espaço. Não deu para trazer fotos do nosso espaço, mas a gente já capacitou mais de 100 mulheres. Elas trabalham nas suas comunidades. Nós não, e vocês, com todo respeito, a gente não as capacita para serem CLT, porque isso não é viável para o contexto delas. Elas não têm como deixar as crianças. Elas não têm. Então, assim, não é – não é. A gente as capacita para serem MEIs, para serem artesãs, para trabalharem dentro da sua comunidade, poder levar a criança no vizinho e trabalhar, ou poder trabalhar no puxadinho de casa. E é sobre isso que está dentro da realidade delas.

Os nossos pilares de transformação. Nesse meio tempo, eu estava fazendo doutorado, e já o meu projeto de doutorado foi geração de renda nas periferias do Brasil. E, na época, o meu projeto foi em cima de Viamão, toda branquinha. E a espiritualidade foi resultado de pesquisa, de que as famílias entrevistadas, cristãs, tinham mais pensamento sobre o futuro. Elas estudaram mais do que as outras, e elas buscavam mais abrir negócios. Isso é dado de pesquisa. Então, os nossos pilares têm a ver com educação. A gente incentiva o estudo, a gente incentiva a voltar a estudar, 20% das mulheres da Roupe são analfabetas. E a gente descobre lá. A gente está buscando isso também, neste ano, ensinar as

que quiserem a ler. Então, educação é muito importante para a gente. Rede de apoio é fundamental. A gente tem advogado, tem terapeuta, tem tudo para que elas consigam. Quando elas chegam lá para fazer os cursos, a primeira parte do curso é terapia em grupo, que a gente chama de mentoria, para não dar uma assustada. Então, é obrigatório? É obrigatório. Elas passam por essa conversa. E, depois, elas conseguem ter a aula. Por que isso? Para poder trabalhar as suas questões. Todas elas sofreram violências muito pesadas, todas. A gente nunca recebeu nenhuma que veio com um caso simples. Todas. Tem algumas que tremem, tem algumas que caem no chão. Esses dias me chamaram, tem uma que desmontou e está jogada no chão. O que a gente faz para ela estar no meio da aula desmontada? Daí eu orei e perguntei para Deus o que ela tem. E Deus disse: “Vai lá e diz para ela, no ouvido dela, que você vai escutá-la e que ela pode se levantar”. Então, foi assim que resolvemos um problema no meio da aula. Ela estava precisando de uma escuta. Então, a gente tem uma rede de apoio ativa com muitos voluntários. Voluntários, isso é voluntariado.

Família. Nós atendemos toda a família. E isso é fundamento para nós. Tem que ser mãe solteira? Não. Mas aquela que tem quatro, três, cinco, sete filhos, filhos atípicos, não sabe o que fazer, esse é o nosso público-alvo. Essa é a que a gente sabe que precisa ajudar.

Emprego e oportunidade. Para nós, não tem como organizar a casa sem dinheiro, sem qualificação.

E saúde mental. Nós temos terapeutas, nós trabalhamos com saúde mental. Essas mulheres não têm como conseguir reconstruir as suas casas, sua vida, sua história, sem saúde emocional. São camadas de traumas. Traumas familiares, traumas com os filhos, traumas com o esposo, quantas e quantas vezes elas ganham coisas nossas lá e elas chegam na outra semana dizendo que o ex-companheiro foi lá e roubou tudo, tudo. Daí vamos lá de novo, vamos trocar chave. “Mas já denunciou?” “Já denunciei”. Ou: “não denunciei”. Elas voltam de sete a nove vezes para o agressor. Isso é uma outra história.

Mas o que eu quero apresentar agora é o nosso projeto Arte Terapia. Então, a gente era uma ONG que atende mulheres e que atende os filhos, mas

começamos a ver que esse autodescobrimento, ajudar essas crianças um pouquinho além, fazia parte da nossa história também. Então, no ano passado, e neste ano está a mil, criamos esse projeto dentro da Hope. O Hope é o Programa para Comunidades. Criamos esse projeto Arte Terapia. E o projeto Arte Terapia é para trabalhar as questões da violência através do lúdico. A gente trabalha com crianças típicas e atípicas juntas, mas nós temos três ambientes. Onde os atípicos, quando se desgovernam – que é essa a palavra – quando eles se desgovernam, têm um lugar seguro só para eles. E eles têm uma grande piscina de bolinha, onde eles conseguem se reorganizar dentro daquela piscina de bolinha, com alguém olhando, até que eles consigam. E eles já sinalizam o barulho. Então, nós resolvemos fazer um trabalho um pouco mais pegado na saúde emocional dessas crianças, através da Arte Terapia, porque essas crianças não estão conseguindo ficar na escola. Algumas estão do lado de fora da sala de aula. As mães já desistiram de botá-los dentro da sala de aula. E alguns não têm idade ainda. Então, esses são os nossos alunos. A Hope está localizada na Vila João Pessoa, no Partenon. Então, nós acabamos atendendo o morro da Tuca também. Mas, na verdade, a gente atende todo mundo, porque, como nós estamos na rede, então vem gente de tudo que é lugar: Porto Alegre, vem gente de Viamão, vem gente de Alvorada. E nós não recusamos ninguém. Neste ano, a gente teve um *bug* no sistema. A gente tem 20 vagas para as aulas das mães, o *link* não fechou, e 46 se inscreveram. E a gente aceitou as 46, para que elas não fossem rejeitadas de novo. E a culpa não é delas, é nossa, porque o *link* não fechou.

Então, a HOPE é a casa da esperança. Aqui é o Jorginho. O Jorginho só senta na HOPE. A mãe dele diz que ele não senta fora da HOPE, por algum motivo. E ela ainda diz: “Algo tem nessa fé de vocês aí”. Ela não é cristã, mas ela diz que algo tem nessa fé de vocês, porque o Jorginho faz coisas aqui, que ele só faz aqui.

Socialização, inclusão e educação são os nossos pilares. Nós começamos também com um atendimento com os adolescentes da Tuca. E esse atendimento com os adolescentes já é um pouco mais voltado para a vocação. Até onde nós

sabemos, a Tuca não trabalha com adolescentes. E os adolescentes começaram a chegar lá para nós, porque na nossa casa de acolhimento tinha um menino que estuda por ali, colega deles, e ele os convidou, um dia, para irem. E eles estão indo. Faz um ano e meio que nós temos um grupo de adolescentes na Tuca. Nós trabalhamos essas questões através da arteterapia e através de oficinas de vocação. Mais ou menos umas 30 crianças atendidas. Mas ali eu citei alguns dos atípicos que nós temos das crianças e adolescentes: transtornos do espectro autista, crianças com paralisia cerebral, muitas que vêm da Kinder, crianças com outros transtornos do neurodesenvolvimento.

Então, os nossos cursos normalmente são de oito meses. Nós temos duas oficinas por encontro. As mães têm roda de conversa, as crianças têm roda de conversa, tem contação de histórias, tem vídeo, tem música. E nós trabalhamos com reciclagem, doação e reciclagem, trabalhando com autonomia, através de trabalhos manuais de expressão emocional.

Eu trouxe a foto do Guilherme, porque é um ambiente pequeno. O Guilherme falou ontem, pela primeira vez. O Guilherme tem dois anos. Família de papeleiro, recicladores. A mãe perdeu o outro filho por câncer. O Guilherme chorou do primeiro dia que ele foi até ontem. A gente está agora com uma profissional que tem o ABA, então ela é mais capacitada para fazer uma interação. Ela conseguiu fazer interação com o Guilherme, e o Guilherme começou a falar ontem. E essa mãe é uma das mães que não tem acesso. Ontem, ela estava falando lá que quebrou a rodinha da carroça. Nós estamos ajeitando a rodinha da carroça. E ela está lá, fazendo curso de cabelo, porque ela vai fazer progressiva e vai mudar a história, e agora ela está se maquiando. E o Guilherme começou a falar. O Guilherme tinha um bloqueio, também pela morte do irmão. O Guilherme ainda mama; o Guilherme já passou de dois anos. Mas como você vai dizer para a mãe? Porque é tudo que ela tem, ela acabou de perder o filho. Não é uma história. Mas eu trouxe o Guilherme porque estamos muito felizes: o Guilherme, ontem, disse “papai e mamãe” numa sentada, porque estamos fazendo trabalho individual com ele agora. E é sobre isso.

Nossos objetivos ali são: autoestima, identidade, regulação emocional. Um pouco da nossa equipe, temos três professores, uma neuropsicopedagoga. Temos essa voluntária com certificação ABA, que é Análise do Comportamento Aplicada. Ela tem ajudado bastante essas crianças neurodivergentes. Temos uma assistente social, merendeira. O Guilherme toma leite com Nescau lá só, porque é o lugar que tem leite. Algumas das nossas crianças também, então, estamos sempre buscando leite. Leite é uma coisa importante. Estamos sempre buscando leite para dar uma alimentação saudável, para dar uma alimentação gostosa, para ter os lanches. As crianças chegam lá comendo absurdamente muito. Isso é uma coisa que percebemos. É descomunal o que eles comem. A gente sabe que é porque eles não estão acostumados com aquilo que a gente serve.

A nossa equipe é essa: auxiliar de serviços gerais e equipe administrativa. Esse é o programa HOPE, que acontece no Partenon. A maioria são voluntários que dedicam, há anos, uma parte da sua semana lá. É sobre isso. Agradeço a oportunidade. (Palmas.)

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Muito obrigada, pastora Paula. Vou passar a palavra para o nosso bispo Lúcio Freitas, coordenador do Grupo de Saúde da Igreja Universal. Por favor, também se apresente para as notas taquigráficas.

SR. LÚCIO DOS ANJOS FREITAS: Bom dia a todos, sou Lúcio dos Anjos Freitas, bispo da Igreja Universal, e também sou capelão. Formamos também capelães todos os anos na Igreja Universal. Quero agradecer ao Ver. Hamilton, ao Ver. Aldacir, à pastora Denise, ao nosso secretário, que conhece um pouco do nosso trabalho aqui da Igreja Universal. Chaiana, quero parabenizá-la pelo trabalho, estava aqui observando. Fico muito feliz por ter sido convidado para estarmos aqui neste debate de algo tão importante, principalmente começando pela fé. E também pelos nossos deveres dos que são da fé. Porque obra social, todo esse trabalho que nós estamos aqui hoje mostrando – daqui a pouco vou

mostrar um pouco do nosso também – é um dever não de uma igreja, não de uma religião, não de um partido político, mas é um dever que o nosso Senhor Jesus, Ele é o maior exemplo disso para nós, ao ponto que foi Ele que deu essa missão para nós. Em Mateus 25, quando Ele disse que esteve enfermo e não fostes visitar, teve fome e não deram comida para Ele, esteve nu e não foi vestido. Ali, trazendo para nós que entendemos a Palavra de Deus, e que, através do Espírito Santo e do chamado que cada um de nós aqui temos, e não só nós, mas outros também têm. Estou alegre por estarmos aqui com alguns representantes que, volto a dizer, quero parabenizar o Ver. Hamilton por esse incentivo de estar hoje aqui, dando essa oportunidade para nós mostrarmos um pouco do nosso trabalho. Mas, ao mesmo tempo, há uma tristeza por saber que tem muitos que poderiam fazer isso. E oramos para que essa divulgação, Ver. Hamilton, venha servir para isso: para despertar outros – sejam órgãos, sejam igrejas – para fazerem isso. Mas, principalmente, aqueles que são chamados pelo nosso Senhor Jesus, que temos esse dever, repito, independentemente de religião, porque o Senhor Jesus fez, hoje Ele faz espiritualmente através de nós. Ele precisa disso. E eu dou graças também. Quero, inclusive, aproveitar a oportunidade para parabenizar a Igreja Universal, a minha mãe espiritual, que amanhã completa 48 anos, e que iniciou, nasceu dentro de uma funerária, como alguns aqui sabem, ou outros talvez não saibam, mas a Igreja Universal iniciou assim, numa casa onde era uma casa de defunto, de mortos, para trazer vida. E, desde o início que começou a igreja – lógico, com toda dificuldade, como todos aqui que iniciaram, pois sempre no início tem suas dificuldades –, não tinha tanta gente; eram, às vezes, três pessoas, quatro pessoas, a igreja já começou a trabalhar. Lógico, a base principal era levar a fé, mas, dentro dessa fé, já começou também o trabalho social, inclusive, de visitas aos hospitais, com proporção bem menor, repito, por causa de não ter tantos colaboradores, mas a igreja vem fazendo esse trabalho espiritual e também social. Temos o exemplo que muitos de vocês conhecem aqui, a Fazenda de Irecê, lá na Bahia, que até hoje existe, continua com o mesmo trabalho social. Nós, hoje, estamos com um trabalho, mais ou menos, de 17 grupos – não tenho certeza –, grupos dentro da

igreja. Temos grupos do presídio, temos trabalho com os policiais. A gente se preocupa com os presidiários, mas também nos preocupamos com os policiais, porque são almas. Temos trabalhos, um projeto muito grande – que, se eu não estiver enganado, acho que o secretário já esteve lá –, o Anjo da Madrugada. Todas às terças-feiras – hoje, né, terça – fazemos um trabalho de 200, 300 marmitex ali no centro de Porto Alegre. E não só levando comida, mas também levando a Palavra, que é o principal. Em 1986, eu não era da Igreja Universal, eu perdi um irmão com 29 anos, que era de outra religião, e ele se suicidou com 29 anos. E não preciso dizer como fica uma família com uma situação dessa. Eu ainda era adolescente, tinha outros planos, tinha plano até de ser médico, porque eu venho de uma família... Sou mineiro, de uma família em que toda a família era parteira, minha mãe teve 13 filhos, e eu fui o único que nasci em hospital, por necessidade. E, por meio dela, o meu desejo era de me formar médico. O meu nome é o nome do médico que cuidou dela quando eu nasci. Estava até ontem, aqui no Hospital Nora Teixeira, e conheci um médico lá que tem o mesmo nome, Dr. Lúcio, e a gente estava lembrando sobre isso. Falei para ele: “Poxa, que bacana saber que tem uma pessoa que tem o meu nome, que é o que eu almejava ser”. E por que eu não me tornei um médico? Tanto pelas dificuldades, porque eu vim de uma família muito pobre, lá do norte de Minas, que nem luz tinha, mas também porque Deus mudou esse plano para hoje eu estar onde estou. E, falando com ele sobre isso, o Dr. Lúcio disse: “Mas o senhor hoje é um médico, o senhor é um médico da alma”. Eu ouvi aquilo dele muito feliz, por quê? Porque, realmente, hoje a gente cuida dos médicos. Em 1995, eu tive a missão de ser mandado para o México, através da Igreja Universal, com a missão de levar a fé lá no México. E lá no México não só levamos a fé, com muitas lutas, com dificuldade, todos sabem aqui que o México é um país que, hoje não tanto, mas na época em que eu cheguei lá, três meses antes, havia uma lei que era proibido qualquer pastor de outros países, só poderia ser os de lá. E, com esse desejo de servir a Deus, Deus foi abrindo as portas. E lá, nós fizemos trabalhos sociais com uma associação que tinha de pessoas aidéticas, pessoas viciadas, vítimas dessa maldição que, infelizmente, está no mundo inteiro, que é a droga.

Ficamos cinco anos lá nesse trabalho, voltamos para o Brasil e não paramos. E Deus tem nos usado, através dessa oportunidade que a Igreja Universal me deu, de continuar fazendo aquilo que Deus me chamou para isso. Hoje eu vejo, minha mãe queria que eu fosse médico, mas Deus nos quer nesse trabalho social. E dentro da igreja, como eu falei, tem vários grupos, se eu for citar aqui vai demorar, e já existia esse trabalho social dentro da igreja de fazer visita aos hospitais, porém era um trabalho bem mesclado com os outros trabalhos que tinha. E Deus deu a direção ao nosso líder, o bispo Macedo, de por que não fundar um grupo só voltado para o trabalho do hospital e sacrificar, porque é um sacrifício. Hoje, para vocês terem ideia, eu estou aqui no Rio Grande do Sul, vai fazer 14 anos, quero agradecer ao povo gaúcho por ter nos recebido, agora em 11 de agosto, vou fazer 11 anos. Hoje eu não vivo em cima do altar fazendo uma reunião; eu vivo mais dentro dos hospitais do que na igreja. Hoje nós levamos não só a igreja, porque a igreja é o último nome que. às vezes, a gente fala para fazer o convite, mas para levar o nome do Senhor Jesus dentro dos hospitais. Eu quero focar mais nesse trabalho, muitos aqui conhecem o trabalho da igreja, embora a mídia não divulga muito, até mesmo a nossa própria, a Rede Record, não divulga muito, mas eu quero focar no trabalho do hospital, porque hoje está na minha responsabilidade, em todo o Estado do Rio Grande do Sul, sobre o GSU, que nós vamos até colocar aqui, que quer dizer Grupo de Saúde Universal, que foi fundado há 9 anos. Mesmo a igreja fazendo esse trabalho, mas, como eu falei, hoje é um grupo que sacrificamos bispos, sacrificamos pastores em todo o Brasil, em todo o mundo. O grupo de saúde é mundial, ele é na África, ele é no México, ele é em todos os países onde nós temos uma Igreja Universal, hoje nós temos o grupo GSU, porque em todos os países tem hospitais, em todos os países, infelizmente, tem gente doente, tem gente precisando ouvir uma palavra, que é a primeira coisa que nós levamos aos hospitais. Quando eu chego em qualquer hospital, eu cito uma palavra que está em Tiago 5.14, que diz assim: “Está alguém entre vós doente? Chama os presbíteros da igreja, e esse faça a unção com azeite no nome do Senhor, e o Senhor o salvará, e o Senhor o levantará, e, se houver cometido pecado, ser-lhe-ão perdoados”. São seis graças

maravilhosas, o pastor Hamilton sabe disso. Mas uma coisa que me despertou, depois de muitos anos de ministério, estou hoje com 38 anos de pastor na Igreja Universal, é que com o tempo, pastor Hamilton, eu tive esse discernimento, quem dá as altas nos hospitais não são os médicos, os médicos vão lá para prescrever. Nessa palavra a gente consegue entender que quem dá alta é Deus, é o Senhor Jesus, porque ele disse, “o Senhor o levantará”. Tanto levantar para dar a condição dele receber alta, simplesmente através de uma humildade, de aceitar a visita de um homem de Deus. E que Jesus não citou aí religião, quando ele diz, “está alguém”, ele deixa bem claro. Quando tem alguém sofrendo, eu não olho para a religião, eu olho para o sofrimento dessa pessoa, que eu quero tirar ela do sofrimento, quero salvá-la desse sofrimento. Então, foi algo que, com o tempo, pregando, eu descobri, tive esse discernimento e hoje eu levo isso ao hospital. A gente chega em alguns lugares oferecendo a oração, mas tem aqueles que, às vezes, não aceitam, por achar que a gente está indo ali só para quem é da mesma fé. E eu cito essa palavra, olha aqui, “está alguém”, então não importa quem seja a pessoa, nós chegamos nos sofridos sem querer saber, seja ele morador de rua, seja ele presidiário, seja ele o menor em infrator, que também temos um grupo aqui na FASE que faz esse trabalho também. Temos EBI na igreja para as crianças, cabem, aproximadamente, umas 500 crianças, pessoas preparadas para cuidar dessas crianças. Mas o grupo da saúde tem sido hoje muito importante dentro dos hospitais, porque, infelizmente, não só na época em que nós tivemos aí, há alguns anos, a Covid, e que não paramos, não paramos. Eu tenho até algo que me faz alegrar muito, na época da Covid, eu estava aqui no HPS, no Pronto Socorro, para fazer uma visita a uma pessoa, que foi solicitado, e quando eu cheguei na recepção, a recepcionista falou para mim assim: “Ele está na UTI, o senhor pode entrar, porque o senhor é capelão. Mas, olha, eu vou dizer para o senhor, ele está com Covid”. Eu percebi nela que ela estava querendo me amedrontar e, de repente, esperando assim – ah, então, eu não vou. Mas, ao contrário, eu falei para ela que não tinha problema, se vocês me autorizarem, eu vou. E fui lá, entrei lá, lógico, com todos os preparos necessários, e fiz a oração para o rapaz. E quando eu saí, eu percebi que elas

ficaram olhando, tipo assim: “Eu pensei que ele ia desistir, pensei que ele não ia”. Mas como é que eu vou desistir, se o Senhor Jesus não desistiu de nós? E se ele nos chamou, se ele conta com a gente, e a gente leva a fé, eu tenho que crer que, se ele me colocou ali, ele vai me proteger. E esse trabalho vem crescendo dentro dos hospitais, de tal maneira que nós damos também hoje até palestras para os médicos. Eu estava, sábado agora, aqui no Hospital Fêmina, e fui para fazer uma visita, e a enfermeira implorou: “O senhor pode ir de quarto em quarto, fazer oração, porque a coisa aqui hoje está difícil?” Então, nessa hora, a gente fala assim: nós não fazemos nada, somos tão poucos, para tanta coisa que tem para fazer.” Porque ainda que a Igreja Universal venha fazendo há 48 anos, mas ainda temos muita coisa para fazer. E eu quero passar um pouquinho aqui do nosso trabalho, para vocês verem que Deus não se engana quando ele fala. Ele ainda tem sede, porque lá no versículo 25, ele fala também, “tive sede”. Mas Ele ainda está sedento, Ele não parou de ter sede, sede de almas, e principalmente nos hospitais. Eu não sei se eu posso falar aqui, Ver. Hamilton, mas eu vou falar. Muitas pessoas pensam que onde tem mais espíritos malignos, espíritos de morte, espíritos ruins, pensam que é no cemitério, pensam que é, às vezes, nas religiões onde muitos acreditam que eles estão ali, mas não. O lugar onde mais tem espíritos das trevas, espírito que gosta de fazer a pessoa sofrer, é nos hospitais. Muita gente não sabe disso, mas é. Por quê? Porque eles estão ali querendo levar almas, e onde tem mais almas que estão nos últimos momentos, são nos hospitais. E é tão verdade que, às vezes, a gente chega em alguns hospitais e a gente sente o clima pesado. Por isso, vocês vão ver no *slide*, oramos também na porta dos hospitais, oramos para os médicos, damos palestras aos enfermeiros, assim que a gente tem a oportunidade – rápida, mas damos –, porque é uma coisa muito importante. Então, de todos os projetos que eu vi, alguns aqui hoje, e parabênizo a pastora, a Chaiana...

SRA. ANA PAULA SOARES DA COSTA TOGNI: Se me permite. A Igreja Universal, no dia da criança, no ano passado, foi lá, com presentes para todas

as nossas crianças e com caixas de leite e nos abasteceram com caixas de leite para alguns meses.

SR. LÚCIO FREITAS: Graças a Deus. Eu fico feliz, volto a dizer, parablenizo a Igreja Universal, porque hoje houve um crescimento espiritual. A gente hoje tem, dentro da Igreja Universal, uma outra igreja chamada Unigreja. Temos pastores que cuidam só da Unigreja, e a gente não olha para a religião. Tivemos o Driblando a Fome, que vocês sabem disso, vamos ter outra agora em setembro. E, graças a Deus, por a gente não ter essa de ser só nós, porque Jesus precisa de todos, eu fico feliz quando eu chego no hospital e encontro o grupo de vocês, que leva sorrisos, inclusive estamos também montando. Tivemos esse grupo antes da pandemia e agora estamos voltando com ele em vários estados. Nós estamos preparando, organizando, porque a gente tem uma preparação, não é só chegar e fazer. E fico feliz de saber que tem outros fazendo esse trabalho e que venham outros fazer esse trabalho, como nós vamos ver aqui, porque também o horário acho que já está. Vamos então acompanhar um pouco do nosso trabalho no hospital.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Pode dar uma pause aqui? Porque o grupo da saúde não fica só fazendo visita em hospital, nós também damos palestras sobre as doenças. Aí foi no Outubro Rosa, essa é uma doutora que faz parte da igreja, a Dra. Cláudia, ginecologista, filha de um pioneiro do laboratório Marques Pereira, ela faz parte da Igreja Universal, e ela estava dando a palestra sobre o Outubro Rosa. Então, o GSU – Grupo da Saúde Universal também tem esses projetos, tanto de palestras, do hospital, vocês vão ver aqui, Visita no Lar, e temos também a mídia, um projeto mídia, no qual nós temos duas que estão representando. Temos um projeto, dentro do grupo, Cuidando dos Que Cuidam, que é tanto cuidando dos que fazem parte do grupo, e também cuidando dos profissionais

da saúde. Então, eu pedi uma pausa só para explicar sobre isso daí. Pode continuar.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Aí nós tínhamos mais ou menos umas 400 mulheres, senhoras, participando da palestra.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: São os pontos que nós fazemos aos sábados.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Temos também esse projeto de medir a pressão...

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Esse projeto, agora, no mês de junho...

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Eu queria também falar só um pouquinho, não sei se tem como parar o vídeo, ou se quiser deixar, sobre a doação de sangue. Nesse mês de junho, no Brasil inteiro, nós tivemos essa campanha, mas aqui, falando do Rio Grande do Sul, nesse dia aí, no Hemocentro, aqui, só nós da Catedral tivemos 40 doadores. Mas o mês todo, nós tivemos, secretário, Ver. Hamilton e todos aqui presentes, mais de 400 doações de sangue. É pouco, é tão pouco que ontem eu já recebi um pedido do Hospital da PUC, pedindo, porque está em falta. Então, eu gostaria de pedir para parar aqui, porque é muito importante. O senhor, como vereador, o nosso Ver. Carotenuto, depois vou falar com ele, o

vereador, a gente precisa levantar essa pauta de ver como que nós podemos fazer para que as pessoas venham a estar mais cientes de que se precisa muito disso nos hospitais, porque a gente doa uma bolsa de sangue, como eu falei ali, uma bolsa de sangue, ela ajuda a salvar quatro pessoas, mas quantos não estão internados? E ainda há um tabu sobre a doação de sangue, precisa isso ser mais divulgado na mídia, ser divulgado, de repente, até mesmo com os próprios eleitores. A gente fazer um trabalho com eles, conscientizá-los da necessidade de doação de sangue. Tivemos aqui 400 doadores de sangue; eu acredito que esse sangue já foi embora, pela necessidade que tem, principalmente nessa época em que estamos agora, os hospitais lotados, porque passou o Covid, mas tem outros vírus aí. Então, nós tivemos no Estado todo esse pessoal doando, e cada mês representando uma cor. A gente procura divulgar isso dentro da igreja, mas na igreja só é pouco, só dentro das igrejas é pouco. Então, eu estava de manhã hoje pensando se eu tivesse oportunidade de passar isso, de falar isso aqui, e fazer também o que a gente já vem fazendo, de orar para Deus tocar no coração e enviar trabalhadores, enviar voluntários para fazer esse trabalho. Pode continuar.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Eu erreí aí, meu, é 48 amanhã aqui.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

SR. LÚCIO FREITAS: Então é isso aí. Esse trabalho que vocês viram ali no Fêmina foi sábado agora. E um dos projetos também é seguir acompanhando. Nós acompanhamos as pessoas; não sei se vocês observaram ali, eu chegando em uma casa com uma cesta básica. É de uma família que vem lá de Bagé, com um filho. Então, finalizamos provando que a gente não só inicia, a gente acompanha aquela pessoa quando ela recebe alta, a gente sabendo a necessidade, a gente vai na casa, leva cesta básica, leva agasalhos, leva

também cobertores. Começa aqui, foi feito agora recente, foi sexta-feira agora, lá em Gravataí, de um adolescente que teve um AVC, 16 anos, estava internado no Hospital das Clínicas. Então esse é um pouco do nosso trabalho. Mais uma vez quero agradecer pela oportunidade, que Deus abençoe a todas.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Muito obrigada. Passo a palavra para o nosso Secretário Municipal da Saúde, Fernando Ritter.

SR. FERNANDO RITTER: Bom dia a todos, pastora e Ver.^a Psicóloga Tanise Sabino, pastor e Ver. Hamilton Sossmeier, Ver.^a Cláudia Araújo, convidados, Chaiana, Paula, bispo Lúcio, Freitas. Queria dizer primeiro que hoje foi um dia especial. Então, te parabenizar, Hamilton, pela escolha do tema. Quando me falaram sobre esse tema, eu disse, não sei porquê, mas eu acho que eu tenho que ir dentro desse processo. Dizer, vereadora, que eu cheguei com o coração apertado por algumas coisas, até desabafei um pouquinho com a vereadora. Então, agora saio com o coração mais leve, porque ouvir todos esses relatos emociona. Então foi bom. Então, queria dizer, para quem não me conhece, vocês especialmente, como profissional de saúde, obviamente, a gente trabalha muito baseado em evidências. Acho que se tem trabalhado muito forte sobre esse processo. Mas aí eu fui fazer uma pesquisa sobre a história da fé, do cuidado e da saúde e me deparei com um relato lá da Carta de Ottawa, de 1986, que foi, talvez, um balizador para a Conferência Nacional de Saúde de 1986, que foi as bases do Sistema Único de Saúde no Brasil. Foi ali, Ver. Hamilton, que se colocou que nós devemos envolver e empoderar as pessoas e as comunidades para aumentar o controle sobre a saúde, nada diferente do que vocês colocaram. As igrejas são espaços sociais de cuidado, valores; são reconhecidas como atores sociais e estratégicos. Isso colocaram lá na Carta de Ottawa, em 1986. E eu fui ver as evidências, só trouxe algumas: comunidade acolhedora, envolvendo pertencimento, suporte emocional. Diz um artigo que pessoas com fé ativa têm mais resiliência – um artigo de 2012. Um outro artigo, de 2016, mostrou e comprovou redução de risco de suicídio quando a pessoa tem fé. Igrejas

evangélicas, um fato, quando discursam sobre o corpo, o tempo e a mente, comprova-se que as pessoas que fazem uso de drogas, por exemplo, abandonam as drogas, o álcool, reduzindo esse comportamento de risco. Uma revista da Fiocruz coloca que as ações de educação e saúde, quando junto com a igreja, são mais potentes.

Então, eu acho que essa solidariedade, esse engajamento, essa formação de capital social, esse papel que as igrejas têm, vocês, líderes religiosos, independente das linhas, são determinantes. Quando talvez vocês dizem que doar sangue é importante impacta muito mais do que eu, talvez, dizer isso; do que, talvez, o prefeito dizer isso; talvez, que o vereador e a vereadora dizerem isso, porque vocês são líderes, líderes de pessoas que estão ali, às vezes, carentes; mas, às vezes, com muita vontade de se doar para esse processo, como o trabalho que vocês fazem. Alguns trabalhos de vocês, eu tive a oportunidade de acompanhar, e não sei por que tu citaste a mesma passagem que eu fui buscar. É impressionante. Eu até me arrepiei quando tu citaste, bispo, porque acho que a promoção de saúde integral, física, emocional, social, espiritual, todas elas têm um compromisso coletivo, e eu acho que as igrejas têm um papel importante nisso. E aí, dentro daquela passagem 25:35-36, que diz que a fé... E aí, eu peguei aqui, porque eu não lembrava, obviamente. Eu sempre rezo, à noite, pelo menos para tentar passar o dia e me deixar com um sono tranquilo dentro disso, torcendo para que todas as coisas boas aconteçam. Daí a fé que traduz o cuidado que transforma essa realidade dessa passagem, entendemos como a mão que sofre aquela que estende a mão. E aí, eu fui buscar a passagem, vou ler ela, se me permite. Então Mateus 25:35-36 diz (Lê.): "Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me". Promover saúde também é um ato de compaixão e esperança.

Eu acho que a grande lição que a gente precisa trazer aqui, que nós, poder público, saúde é tudo para todos, saúde é direito de todos, dever do Estado – art. 196 da Constituição –, só que a gente não consegue dar tudo; infelizmente,

as questões financeiras são maiores do que a vontade, o desejo e a energia que qualquer um de nós tem, porque nada é de graça dentro desses hospitais, a não ser a doação de cada um de vocês, a não ser a vontade, a energia e o potencial de cada um, a capacidade de poder se doar dentro disso. Muitas vezes, pessoas abrem mão de poder fazer suas questões pessoais para se doar, porque é fantástico quando a gente vê uma criança que não senta, mas que, naquele momento, alguma coisa, alguma energia faz com que ela se coloque numa posição de sentar. Tenho certeza que muitos de vocês já acolheram pessoas em sofrimento, luto, dificuldade; que o SUS deveria dar um psicólogo, um psiquiatra, mas não existe melhor psicólogo ou psiquiatra que as passagens bíblicas – se a gente pudesse ler, talvez reduziria o dano dentro desse processo. Então, a fé, o cuidado e a saúde, como propõe o vereador no seu tema aqui dentro desta comissão de Saúde, acho que sirva de lição e que muitas outras pessoas deveriam ouvir e entender. Eu sempre digo para os meus colegas de trabalho, nem tudo se explica. As pessoas querem uma explicação lógica, uma razão para que as coisas aconteçam. Qual é a ciência, qual é o embasamento, qual é a parte científica que se coloca nisso? Eu acho que às vezes não tem. Às vezes ela simplesmente acontece. No caso do menino, simplesmente acontece, a gente não tem que procurar razão para isso, apenas aproveitar o momento para a gente poder curtir isso, acolher essas famílias de crianças, adolescentes, especiais, pessoas idosas, enfermas, sequelados seja pelo envelhecimento ou pelo Alzheimer. Como é difícil, a gente vê e eu sempre digo que o Alzheimer, por exemplo, é quase um luto em vida, a gente vai vendo as pessoas que a gente curte, que a gente gosta, que a gente admira, que foram importantes e especiais se desligarem, e a gente tem que aceitar esse processo, e se a gente tem fé, a gente aceita com mais propriedade, com mais tranquilidade, com mais resiliência como foi colocado na carta de (Ininteligível.), de 1986. Então espero que a gente possa estreitar mais os laços, respeitar os desejos das pessoas e dizer e aceitar que a fé, o cuidado e a saúde podem juntas provocar mudanças, e essas mudanças são necessárias, porque a gente sabe que vai ter nova pandemia em algum momento, a gente não sabe quando e onde; a gente sabe que vai ter uma

nova enchente, só não sabe quando e onde, e a gente vai precisar da ajuda. E foi na ajuda e que a gente conseguiu, quando a gente se deu as mãos, a gente acolheu a gente. Se a gente pudesse imaginar que a gente ia acolher 18 mil pessoas em três dias... A gente nem consegue imaginar como é que a gente fez isso, mas alguém lá em cima, olha pra gente diz assim: “Não, se é para acontecer, tem que ser com quem tem fé, quem tem energia, quem tem capacidade para poder fazer isso. Por isso vidas foram salvas, pela ajuda de cada um. E eu estive lá na igreja de vocês naquele sábado, né? Foi um dos primeiros que a gente foi, a gente foi montar no Centro Vida, e vocês tinham montado ali – fica próximo né? – e a gente foi lá visitar a organização, o cuidado, se colocar à disposição para o que o poder público pudesse ajudar. Eles não pediram nada, depois a gente foi trocando coisas para a gente poder vivenciar esse processo. Então a saúde agradece e tenha como parceira nesse processo. Obrigado Vereador vereadores obrigado senhor vice-presidente desta comissão.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Obrigada, secretário. Ver.^a Cláudia Araújo, vice-presidente desta Comissão.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Bom dia a todas e todos. Quero cumprimentar a Mesa, cumprimentar meus colegas, Presidente Tanise, Ver. Hamilton, Ver. Oliboni, secretário. Eu conheço bem essa história de fazer o bem sem olhar a quem. Eu faço esse trabalho há 15 anos através do grupo Amor ao Próximo, que é o meu grupo de ajuda, muito antes de ser política. Sempre digo que ajudar o próximo foi o que me trouxe para a política, fez com que eu viesse para abrir portas, porque eu acho que a política bem feita ajuda a pessoas, abre caminhos, então é por isso que hoje eu trabalho como política. Eu também entrego comida na rua e também não entrego só o alimento, e eu encontro muitos evangélicos na rua levando a palavra. E na semana passada, com esse frio que nós tivemos, um deles chegou a gente entregou, conversou. A gente sempre pergunto o nome – porque eu acho que pessoas têm nome, né –, porque que ele está na rua, há quanto tempo ele está na rua; a gente convidou para ir

para um abrigo, porque nós temos vaga nos abrigos do Município hoje, e ele disse “Não, eu já ganhei alimento hoje, eu não preciso de alimento, eu preciso que tu faça uma oração para mim”. Aí eu fiquei sem chão, porque eu não estou acostumada a fazer isso, eu estou acostumada a saber as histórias, a conversar com eles. Eu sou umbandista, mas isso não difere ninguém, porque eu acho que Deus é um só, é uma força única que nos move, e eu disse para ele: Está bem, nas minhas orações, hoje à noite, vou orar por ti. Foi que eu consegui fazer naquele momento, porque ele me pegou de surpresa né, porque o nosso papel o meu papel enquanto eu moro próximo enquanto o meu grupo é levar conversar com eles, tentar convencê-los a ir para um lugar mais seguro, para um lugar melhor. A gente sabe que a drogadição é uma coisa que hoje atinge 90% das pessoas que estão na rua e que precisam dessa ajuda. Então a gente faz há muitos anos, eu tenho muitos projetos também, a gente entrega material escolar, faz Natal, Páscoa, Dia da Criança, está sempre atendendo as crianças, os jovens, e buscando soluções, principalmente na área da saúde, e o Ritter sabe o quanto o incomodo, porque a gente recebe muitos pedidos de ajuda de pessoas que não tem voz e que não tem vez, muitas vezes. Então a gente procura sempre fazer o melhor com relação a isso. Conheço a Brasa, na pandemia a gente trabalhou muito em parceria com relação às doações, ajudamos muito nas enchentes também, trabalhamos em rede porque um ajuda o outro, ninguém larga a mão de ninguém, independente da sua opção religiosa. Pessoas são pessoas, né? O trabalho da igreja é lindo, o trabalho que vocês realizam. A primeira palavra que tu disseste: “Eu me converti”. Eu não me converti, mas eu acho que se converter é fazer o bem, independentemente de como você faça a tua ação. Também sou a doadora de sangue, também sou a doadora de órgãos. A gente trouxe para a Câmara o cartório para fazer o registro para que as pessoas que quisessem ir à Câmara – isso eu fiz há uns dois, três anos -, para que pudessem ser reconhecidos em cartório que são doadores de órgãos, porque a gente precisa ajudar o próximo, fazer a nossa parte. Esse é o caminho. E quando o Ritter fala da questão do Alzheimer, eu estou com uma comadre internada numa clínica, uma pessoa jovem que não reconhece nem o

marido que está viúvo de uma esposa viva. Ela não conhece ninguém. E a gente se pergunta, a gente se questiona os porquês. Eu perdi o meu marido, fiz um ano em abril. Quatorze dias depois veio a enchente, precisávamos ajudar as pessoas, então, eu não podia parar para chorar. Eu precisava atender as pessoas que precisavam de ajuda. A gente não pode se perguntar o porquê; a gente tem que entender que esse é o nosso caminho, que é isso que a gente tem que passar, que a gente tem que superar, porque eu acredito que a gente já vem com a nossa história pronta. Eu acho que a gente vem com começo, meio e fim. E a gente precisa evoluir enquanto ser humano, a gente precisa crescer e sempre estender a mão para aqueles que mais precisam.

Então, parabéns à Hope pelo trabalho que faz. Parabéns à Brasa, parabéns aos doutores da Graça, que é superimportante. A gente teve visita no Mãe de Deus, meu marido faleceu no Mãe de Deus, então, eu conheço bem como é que funcionam as coisas. Parabéns ao pastor. Parabéns, Hamilton pela proposição. A gente, às vezes, não fala sobre isso. A gente tem a Comissão de Saúde, Tanise, e a gente acaba sempre falando sobre doença, sobre busca por soluções de doenças tristes. Semana passada, a gente falou sobre a ELA, que é a Esclerose Lateral Amiotrófica, que é uma doença, infelizmente, que acomete hoje milhares de pessoas, que antigamente eram dois, três, quatro casos. Hoje, a gente tem muitas pessoas acometidas por ELA e que também mexe com a família toda, porque a gente sabe que é uma doença sem cura, que tem tempo e que a gente não sabe o que fazer, então, a gente fica de mãos atadas. A gente fala muito na Comissão de Saúde sobre esses temas. A gente não fala sobre a essência, que é a fé, que é acreditar em algo superior, algo que nos move diariamente. Eu também rezo todos os dias à noite, pedindo a Deus que me dê forças e saúde para eu continuar trabalhando. E agradeço todas as noites pela oportunidade de ajudar pessoas, porque eu acho que essa é a minha missão. Então, que a gente possa seguir fazendo isso e trabalhando em prol daqueles que mais precisam. Parabéns, Hamilton.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Ver. Hamilton, para suas considerações finais.

VEREADOR HAMILTON SOSSMEIER (PODE): Bom, da minha parte, quero agradecer, e, como a gente falou, essa pauta de hoje é uma pauta propositiva, de mostrar um pouco do trabalho que algumas organizações que nós temos aqui fazem, e como muitas outras estão fazendo, e dizer ao secretário, Fernando Ritter, que está aqui representando o poder público, que essas organizações são muitas, e não é só evangélica, é católica, é espírita, das religiões matrizes afro também fazem um trabalho. Inclusive, no período das enchentes, me chamou a atenção que uma igreja, não lembro o nome e o bairro ali, é perto da Cavalhada. A 100 metros tinha um pessoal lá da comunidade matriz afro que tinha pessoas lá e eles tinham a comida, mas não tinham a roupa. Esse aqui tinha a roupa e não tinha a comida. E eles começaram a trocar. Então, foi um momento bacana, de harmonia, porque, como disse a Ver.^a Cláudia, as pessoas, todas elas, quando precisam, não tem placa de nome nacional. E só deixo aqui um versículo que eu gosto muito, de Deuteronômio 15:11, que diz ali: “Pois nunca deixará de haver pobre na terra; pelo que te ordeno, dizendo: livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre na tua terra.” Então, sempre vai haver pessoas que precisam, e sempre vai haver pessoas também que se levantam para ser aqueles solidários, como disse o bispo, sem ganhar nada, mas por amor realmente à causa. Então, para mim, é um prazer poder trazer esse tema aqui. Não tenho encaminhamento, meu encaminhamento é me colocar à disposição sempre. E muito obrigado pela oportunidade.

PRESIDENTE PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Muito obrigada, vereador. Então, estamos encerrando mais uma reunião com o nosso coração grato, pela oportunidade que nós tivemos de refletir sobre esse tema da fé, cuidado e saúde. Penso que as igrejas, todas as igrejas, têm um papel importante, estratégico, valioso na saúde. E aqui faço um gancho na saúde mental, o secretário já falou muito sobre isso, trazendo os estudos, muito bom

isso, a importância da questão religiosa na dependência química. Várias igrejas evangélicas fazem esse trabalho na questão do tratamento e a prevenção do suicídio. As pessoas que têm a fé, é um fator de proteção, de prevenção para o suicídio. Então, muito importante esse trabalho que as igrejas realizam, de prevenção e de promoção também de saúde e doença. Mais uma vez, obrigada aqui. A nossa querida Chaiana, Paula, o bispo Lúcio e o nosso secretário municipal da saúde. Muito obrigada e encerramos mais uma reunião. Que Deus abençoe.

(Encerra-se a reunião às 11h44min)

TEXTO SEM REVISÃO